

Conflito Samora-Gebuza é pano de fundo para caso dos portugueses expulsos

O Jornal

18
—
2
—
83

O governo de Maputo desautorizou as autoridades provinciais da Sofala (Beira) ao suspender a ordem de expulsão de vinte portugueses. Esta atitude foi interpretada como um gesto de boa vontade de Samora Machel e Joaquim Chissano, interessados em preservar o desenvolvimento da cooperação com Portugal. Por seu turno, Armando Guebuza, o homem forte do distrito de Sofala, não perfiará do mesmo ponto de vista, interessado que está em defender a região dos ataques da Resistência. Guebuza representa uma facção mais pró-soviética e antiportuguesa do governo moçambicano, que tem tentado embaraçar a cooperação com Portugal.

Os vinte portugueses sobre quem impedia uma ordem de expulsão encontram-se em Maputo, tendo participado numa reunião com o ministro da Justiça e o embaixador português, onde lhes foi explicado que poderiam permanecer no território sem restrições. Não se sabe contudo se alguns voltarão a

Portugal de livre vontade.

O ministro dos Estrangeiros moçambicano, Joaquim Chissano, deslocou-se na quarta-feira, 16, à Beira para esclarecer em definitivo toda a situação com as autoridades locais. Para já sabe-se que foi autorizada a visita de um diplomata português à prisão onde se encontram detidos alguns portugueses.

Sabe-se também que todos estes portugueses, bem como o cidadão britânico, já foram julgados pelos tribunais moçambicanos. As condenações oscilam entre os vinte anos (cidadão britânico), oito, quatro e dois anos para os portugueses, tendo alguns sido absolvidos.

«Está, portanto, a começar a esvaziar-se uma questão grave nas relações entre os dois países» — comentou a «O Jornal» uma fonte diplomática portuguesa. As relações entre os dois países foram recentemente postas à prova, mas ambos os governos tentaram agir com serenidade na defesa do desenvolvimento da cooperação.